

Sobre o amor

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

“ Benditos sejam todos que te amarem, as que em volta de ti ajoelharem numa grande paixão fervente e louca! E se mais que eu um dia, te quiser alguém, bendita seja essa mulher, bendito Seja o beijo dessa boca!!”

Florbela Espanca

Cai-me nas mãos essa mensagem. Toca-me profundamente. Hoje tão comum recebermos inúmeras mensagens, de diversos conteúdos, tipos e jeitos. Necessário filtrá-las a despeito de valor, não sendo possível assimilá-las por mais ágeis que sejam nossas faculdades mentais. Ruído da comunicação do mundo contemporâneo. No entanto, em meio a tanto, surgem algumas preciosidades como a dessa escritora alentejana.

Quem conhece sua biografia poderia julgar de modo precipitado que esse texto só poderia ser fruto de uma pessoa acometida de uma profunda neurose, cujos aspectos depressivos acabariam por levá-la ao suicídio, nada mais nada menos, que na data de seu próprio aniversário. Florbela encerra seu diário, alguns dias antes de sua morte voluntária com a seguinte frase: “... e *não haver gestos novos nem palavras novas.*” É como se dissesse: saio desse mundo na mesma data que vim a ele, por não haver mais gestos nem palavras.

Outra leitura é a de que o texto atende a uma demanda tipicamente masculina, de inspiração poligâmica, onde uma mulher em estado de paixão aceita de seu amado toda sorte de ação, até mesmo a de estar nos braços de outra mulher e, ainda, num gesto de imensa magnanimidade, ofertando todas as bênçãos.

Temos ainda que pensar: tais palavras retratam um momento de especial sublimação e encobrem na verdade os pressentimentos desesperados e sombrios de uma mulher que teme o potencial abandono, mas põe em dúvida que qualquer outra possa amar como ela.

Acho possível a presença nessas palavras de qualquer das vertentes ou mesmo de todas elas. Ou seja: o estado enfermo da autora, interesses machistas ou a trapaça literária de Florbela Espanca.

No entanto, é como psicanalista que me envolvem tais palavras, naquilo que de inconsciente o texto encobre. Ora, é

possível afirmar que não é possível a dimensão do amor sem a dimensão da liberdade. Não é possível, subtraída a liberdade, qualquer expressão de amor, pois esse pressupõe liberdade.

Como é *sobre amor* que busco falar, digo que encontro nessa passagem de Florbela, a dimensão estrondosa do amor, do amor radical (de raiz), do AMOR ABSOLUTO.

Florbela Espanca ou quem a pinçou nos livros, quem recebe a escritora em casa ou a propaga no mundo, em estado radical de amor, mergulhado no seu estado mais absoluto, vivencia no estrondo dessas palavras o que elas deixam antever: que quem ama verdadeiramente é capaz de se consumir se necessário for, munido de um amor que não teme o fervor e a loucura da paixão. Não tendo, portanto, o amor como monopólio.

Eros não se deixa aprisionar e essa tentativa de detê-lo foi o pecado capital de Psique, pecado de muitos. Eros é eterno movimento, chega da mesma forma que se vai, permanece do mesmo modo que se exaure, ilumina da mesma forma que se apaga, inquieta da mesma forma que apascenta. Eros, princípio da eterna transformação. Essa a percepção de Florbela: se das minhas mãos ele, o amor, me escorre, benditos todos aqueles que o tendo em mãos o devote ao ser amado, ao mundo. *Bendito seja o beijo dessa boca.* Boca bendita que fala em nome do amor, *sobre o amor*, e que sobre o corpo do amor (Eros) faça amor com ele com loucura e fervor!

E por *não haver gestos novos nem palavras novas* Florbela deixa a vida (Eros) para entregar-se tão jovem aos braços da morte (Tanatos), mas deixa fora de seu corpo sem vida a própria vida, transformada agora nas suas palavras *sobre o amor e imortalizada em música.*

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida!
(...)

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
'Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e fim...

Florbela Espanca

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA)